

A ponte da vida

Vou contar uma história. É uma história muito diferente, porque não é sobre um rei ou uma rainha ou um romance ou sobre vitória ou fracasso. O objetivo não é ocupar o teu tempo ou entreter-te. Existe uma realidade simples e bela, e é a história mais magnífica. É sobre aquilo que existe: esta bela criação, num universo incrivelmente hostil.

Foi-nos dada a oportunidade de estar aqui. Isso é bom ou mau? Essa não é a questão. Deixa-me dar-te uma analogia. Digamos que há uma pintura muito bonita de um dos mestres — árvores, mar, nuvens, sol — mas nunca a viste. Até que um dia, vês. No entanto, a pintura estava mal acondicionada e raspou contra a caixa. Os verdes, azuis, laranjas e brancos ficaram todos misturados. Ficou estranho. Tudo o que resta é a assinatura do mestre. E pensas: “Ele pintou mesmo aquilo?”

Toda a gente olha a para realidade de uma forma distorcida e pergunta-se por que é que a realidade não é bonita. Quando se trata desta pequena coisa chamada paz, descobri que ninguém neste mundo tem a menor ideia do que seja a paz — nenhuma, nada, nenhuma ideia. É tão triste que é quase cómico.

Algumas pessoas pensam: “O fim da guerra é a paz.” Então queres dizer que antes das guerras começarem havia paz e que a paz conduziu a guerras? Alguns dizem: “Eliminem a fome neste mundo, e haverá paz.” Ouve, há pessoas que propositadamente passam fome tentando perder peso. Se criasses um “detector de fome” e conduzisses por todas as estradas do mundo com ele, e quem estivesse com fome receberia comida na boca, haveria paz? Terias mais guerras.

Portanto, nós temos conceitos. É como se tivéssemos um filme diante dos nossos olhos, enquanto a realidade dança docemente. Tudo o que vês que é tão bonito nem sempre estará lá. Este tempo que tens é sobre a oportunidade de estar vivo. Não é sobre a semântica da tua vida. Não é sobre os diagramas dos circuitos da tua existência. Não é sobre todas as outras coisas com que nos permitimos ser distraídos. É sobre a paz. E a paz manifesta-se dentro do coração de cada ser humano. E esse é o único lugar.

Não olhes para a realidade através dos olhos de todas essas fórmulas. Olha através dos olhos mais simples que te foram dados, e o que irás ver? Irás ver uma perfeição, ouvirás um ritmo, descobrirás uma magnificência maior do que aquilo que alguma vez poderias imaginar. É disso que esta história trata.

O ponto de vista a que nos apegamos por causa das nossas ideias é tão diferente que somos incapazes de simplesmente apreciar aquilo que existe — apenas ver, entender a beleza da respiração que entra e que sai. É o acto mais

simples que acontece. Acontece naturalmente. E sua existência confirma que estás vivo. Tão poderosa é essa respiração que, enquanto estiver a acontecer, tudo está bem. E se não estiver a acontecer, a história muda.

O vaivém desta respiração é um presente. E, enquanto a respiração entrar em ti, de facto tudo está absolutamente bem. Quando sentes essa simplicidade, podes começar a ouvir o verdadeiro ritmo da tua vida. Podes apreciar o que te foi dado e a história ficará completa.

Sentir-te-ás livre quando entenderes que não precisas do apoio de todas as ideias, que podes simplesmente permanecer nesta ponte da vida e que ela é sólida, boa e forte. Podes dar pulos nela e não vai cair. Serás capaz de apreciar a sua força. E então o teu coração encher-se-á de gratidão por tudo o que te foi dado. E quando o teu coração se encher de gratidão, terás as respostas sem precisares das perguntas. Tudo continuará a melhorar, porque não há limite para esse melhor, e não há limite para a capacidade que te foi dada de apreciar.

-Prem Rawat